

A CATEGORIA TEMPO EM NOMINAIS

Déborah Christina de Mendonça OLIVEIRA¹
Heloísa Maria Moreira Lima SALLES²

ABSTRACT: Traditionally, the morphosyntactic category of tense is considered to be a property of verbs. However, studies have attested morphological expression of this category in nominal system of some languages. As a matter of fact, the way a sentence denotes an event is different from a DP. For example, a sentence as: “Mary has arrived at 3 p.m.” and the DP “Mary’s arrival at 3 p.m.” refer to the same event, but they do not convey the same content. The DP expresses an event without an exact temporal reference, contrary to the clause, in which the time reference is determined through the time of speech. Nevertheless, a range of languages encode a temporal category within the nominal projection, in contexts suggesting that the nominal tense is independent of the temporal specification of the whole sentence. Based on the above information, this work aims to provide evidence for temporal encoding within the nominal phrase. It will be shown that temporal markers in nominal phrase may both contribute to the referential properties of the noun, and establish a temporal relation with the speech time in contexts, such as: embedded clause with nominalizations forms. In this respect, this discussion is relevant to the investigation of the hypothesis of the symmetry between DP and CP.

KEYWORDS: determinant phrase; noun; subordination; tense; verb.

1. Introdução

O presente trabalho é um desdobramento de um projeto de pesquisa que tem como tema maior a investigação da relação entre a estrutura da oração e a estrutura das expressões nominais. O objetivo é investigar a chamada *Hipótese do DP*, que supõe existir paralelismo entre as estruturas do Sintagma Determinante (DP) e do Sintagma Complementador (CP). Em particular, investigamos a presença de categorias funcionais na projeção do DP que permitam um contraste com o CP, no que se refere à manifestação de traços formais relacionados ao sistema TMA (tempo, modo e aspecto).

A discussão acerca dessa relação teve início no trabalho de Chomsky (1970), em que sentenças como as exemplificadas abaixo foram interpretadas como sinônimas, uma vez que o nome *destruction* e o verbo *destroy* apresentam a mesma grade temática.

- (1) [Nero’s **destruction** of Rome] dismayed the senate.
- (2) [That Nero **destroyed** Rome] dismayed the senate.

No âmbito da Teoria Gerativa, estudos como o de Abney (1987), Giorgi & Longobardi (1991) e Bernstein (2001) defendem que a estrutura do DP é regida pelos mesmos princípios que regem a estrutura sentencial. No âmbito dessa discussão, postula-se a existência de categorias funcionais que codificam propriedades como definitude, número, as quais podem

¹ Déborah Christina de Mendonça Oliveira é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília – UnB. Realiza pesquisa sobre a relação entre o Sintagma Determinante (DP) e o Sintagma Complementador (CP), sob a orientação da Profa. Heloísa Salles. Endereço eletrônico: deboraholiveira@unb.br.

² Heloísa Maria Moreira Lima Salles é doutora em Linguística e professora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília - UnB.

ser analisadas como correlatos de categorias que codificam a modalidade (na oposição entre *realis* e *irrealis*) e o tempo/aspecto.

Nessa perspectiva, um fato que tem sido investigado na literatura é que existem línguas em que os nomes recebem marcas de tempo. É o caso, por exemplo, de línguas como: o Somali, do tronco Afro-Asiático, o Tapirapé, o Tupinambá, o Kamaiurá, do tronco Tupí (família Tupí-Guaraní). A pergunta que surge é se o tempo nos nomes codifica as mesmas propriedades sintático-semânticas que o tempo na projeção da sentença.

No presente estudo, examinaremos, em particular, a codificação de tempo nos nomes em línguas da família Tupí-Guaraní. Na discussão, serão utilizados dados das línguas Tupí-Guaraní, bem como estudos de outros autores que se voltaram para esse tema.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: na seção 2, apresentaremos, inicialmente, algumas considerações acerca da categoria tempo. Na seção 3, faremos uma breve resenha do estudo de Lecarme (1999), que avalia a manifestação de tempo nos nomes da língua Somali, seguida da apresentação da análise de Alexiadou (2001), presente na seção 4, que questiona o estatuto da categoria tempo nos nominais, argumentando em favor da presença de categorias aspectuais na estrutura do DP, particularmente, em nomes que denotam evento. Na seção 5, partiremos de estudos realizados sobre as línguas da família Tupi-Guarani, com ênfase nos estudos de Salles (2003) e de Seki (2000), buscando argumentar no sentido de que a marca de tempo nos nomes, nessas línguas, pode ser analisada em termos da projeção T na estrutura do DP. Na seção 6, apresentaremos as considerações finais e os caminhos que essa pesquisa ainda deverá percorrer.

2. A categoria tempo

O tempo é uma categoria expressa, em geral, na projeção estendida do verbo. A flexão I que encabeça o sintagma flexional IP (Sintagma Flexional) codifica propriedades gramaticais que definem uma sentença como finita ou infinitiva na relação com as propriedades do CP. O núcleo I codifica traços formais de tempo e traços *phi* (pessoa e número).

Por um lado, a literatura tem apontado que, no nível semântico, a ausência de expressão de tempo no DP pode ser contestada, considerando-se dados como o seguinte:

(3) Every fugitive is now in jail.

A sentença acima é uma asserção sobre fugitivos passados que estão agora na prisão. O intervalo temporal entre os referentes do DP [*fugitive*] não coincide com o intervalo de tempo em que eles estão na prisão. Isso sugere que o DP é capaz de apresentar uma leitura temporal independente daquela expressa pela sentença em que ele é realizado.

Por outro lado, apesar de categorias como tempo, modo e aspecto serem tradicionalmente consideradas propriedades verbais, a expressão morfológica de tempo, aspecto e modo nos nomes pode ser atestada em algumas línguas, segundo estudo realizado por Sadler & Nordlinger (2001). O referido estudo apresenta uma análise realizada a partir de dados de diferentes línguas, os quais oferecem uma ideia preliminar sobre o fenômeno do tempo nos nominais. Em alguns casos, o tempo nominal localiza temporalmente o nominal independentemente das especificações temporais que governam o predicado (cf. LECARME, 1999).

Portanto, o tempo nos nominais, em algumas línguas, apresenta reflexo na morfologia. Esse é o caso da língua Halkomelem, língua falada na costa noroeste da América do Norte, que possui um sistema de tempo nominal expresso na morfologia e que coincide com as

marcas temporais expressas nos verbos. Considerem-se os exemplos abaixo extraídos de Burton (1997, *apud* Alexiadou (2001)):

- | | | | | | |
|----------|------------------|------|-----------------------------|----|----------------------|
| (4) i-lh | ímex | tel | si:le | | |
| | AUX-PAST | walk | my grandfather | | |
| | | | 'My grandfather walked' | | |
| | | | 'Meu avô caminhou' | | |
| (5) tel | sí:le | tel | sí:lalh | | |
| | my grandfather | | my grandfather-PAST | | |
| | 'my grandfather' | | 'my late grandfather' | | |
| | 'meu avô' | | 'meu falecido avô' | | |
| (6) tel | xeltel | tel | xeltel-elh | te | thá |
| | my pencil | | my pencil-PAST | | |
| | 'my pencil' | | 'the pencil which was mine' | or | 'my broken pencil' |
| | 'meu lápis' | | 'o lápis que era meu' | ou | 'meu lápis quebrado' |

A partir das traduções, os nomes com as marcas de tempo, nessa língua, podem significar três coisas: (i) morte, conforme dado (5); (ii) perda de posse ou (iii) destruição, conforme dado (6). Uma possível interpretação para dados desse tipo é afirmar que a marca de tempo ligada aos nomes atribui uma referência ao DP.

Os dados de (4) a (6) encontram paralelo no português, em expressões do tipo: *recém-nascido*, *ex-marido*, *pré-primário*, *pós-graduação*. Além disso, o português apresenta tais contrastes gramaticalizados por meio de categorias nominais como o particípio e o gerúndio, que codificam a oposição *perfectivo* e *imperfectivo* de que resultam itens lexicais como em: *graduando/ graduado*; *formando/formado*, em que se constata oposição de aspecto, ou ainda nomes que não formam pares, que denotam aspecto durativo, como *doutorando*, *mestrando*, ou que denotam a entidade correspondente, como *mestrado*, *doutorado*.

Dessa maneira, não é trivial a conclusão de que a presença da codificação de tempo no nome tenha implicações para a *Hipótese do DP*, que investiga a relação entre as categorias funcionais da oração (como Tempo) e as categorias funcionais do sintagma nominal. No entanto, o fato de línguas codificarem tempo em nomes torna a discussão sobre o tempo relevante para um estudo que investiga a simetria entre o DP e o CP. A análise da categoria tempo permite, portanto, aprofundar a discussão a respeito da *Hipótese do DP*.

3. O caso do Somali (Lecarme, 1999)

Em estudo realizado sobre o Somali, língua do subgrupo Cuchítico (camito-semítica) da família das línguas Afro-Asiáticas, falada na Somália, Etiópia, Quênia e Djibuti, que apresenta um sistema de tempo codificado em nomes, Lecarme (1999) afirma que existe um forte paralelismo entre a sintaxe e a semântica do tempo verbal e nominal. Nessa língua, o morfema de tempo, realizado, cumulativamente, com o morfema marcador de definitude, se afixa ao nome, o que constitui evidência morfossintática para a presença de uma codificação de tempo interna à estrutura do DP.

Segundo a autora, a estrutura temporal presente em nomes e em verbos é derivante do mesmo conjunto de princípios sintáticos e semânticos, como se depreende dos dados (7) e (8), a seguir:

- (7) Wáxaan ku bárayaa fáday-dí hore
expl.C/F.1S 2S introduce [prog.] wife-defF.Poss1S-defF [+past] before
'I am introducing to you my ex-wife'
'Eu estou apresentando a você a minha ex-esposa'
- (8) Dhibaatá-dii Khalu-ku wáy dhammaatay
Problem-deF[+past] Gulf-detM[+nom] F+3S ended[+past]
'The Crisis of Gulf has ended'
'A Crise do Golfo terminou'

No entanto, não existe concordância entre o tempo do verbo e o do nome, pois o tempo nominal não precisa ser idêntico ao do predicado central da sentença, como demonstrado no exemplo (7). Isso ocorre porque a interpretação temporal do DP é feita com base no contexto a que se refere o enunciado, independentemente do tempo da sentença, expresso no verbo. O mesmo fenômeno ocorre nos exemplos em (9) e (10), a seguir:

- (9) ardáy-da baan kasin su'áash-aa-dii
students-detF F+neg understood[+past] question-detF+Poss2S[+past]
'The students (who are present/ I am telling you about) did not understand your question.'
'Os estudantes (que estão presentes/ dos quais eu estou falando) não compreenderam a sua questão.'
- (10) ardáy-dii wáy joogaan
students-detF[+past] F+3P are-present [-past]
'The students (e.g. students I told you about) are present'
'Os estudantes (por exemplo, os estudantes dos quais eu te falei) estão presentes.'

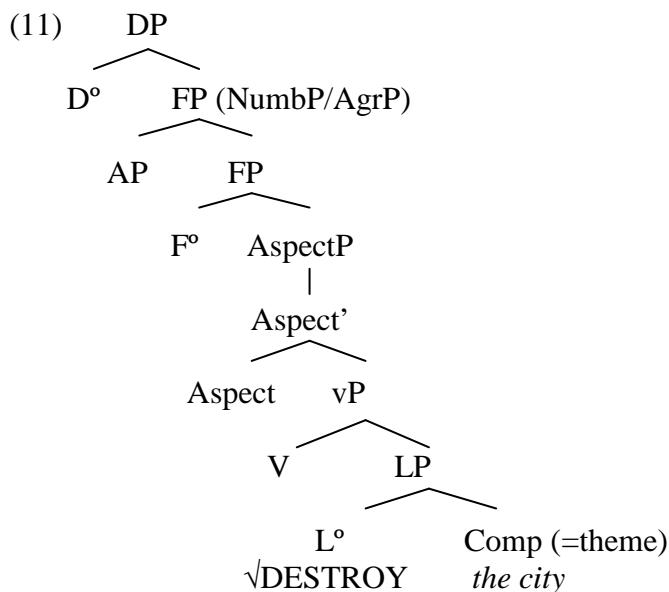
Novamente, o tempo do predicado nominal e o tempo do predicado verbal não coincidem. Em (9), *ard'áyda* "the students" possui uma interpretação específica de presente, a qual é compreendida no contexto ao qual o enunciado se refere, independentemente da configuração de tempo [+past] do verbo. Em (10), a marca [+past] localiza *ard'aydii* "the students" no passado, por exemplo, em um tempo ocorrido antes da fala.

Esse fenômeno demonstra, primeiramente, que o Sintagma Determinante possui as suas próprias restrições temporais, as quais não são sempre definidas pela sentença como um todo. Em segundo lugar, o tempo do DP pode ser interpretado deiticamente em relação ao tempo do enunciado. Isso provê evidência morfológica para o fato de que a interpretação temporal dos nominais é "livre" e não depende dos operadores temporais presentes no escopo da sentença.

O estudo conclui que existe variação paramétrica no que se refere à codificação de T: em algumas línguas, o tempo é marcado somente na projeção funcional da sentença, como acontece nas línguas românicas; em outras, a codificação de tempo ocorre nas expressões nominais realizadas na sentença, como acontece no Somali.

4. A análise de Alexiadou (2001)

Alexiadou (2001) ao discutir as propriedades morfológicas dos nomes, sugere que projeções funcionais como Voz e Aspecto estão presentes nos nomes que denotam evento, conforme estrutura a seguir:



Por outro lado, a autora aponta que outras categorias como Tempo e Modo parecem estar ausentes na estrutura dos nomes. Segundo a autora, em geral, os nomes não expressam tempo de modo idêntico aos verbos.

Alexiadou afirma que existem dois traços diretamente associados à categoria T: o Princípio de Projeção Estendido (EPP) e a atribuição de Caso Nominativo. O primeiro efeito que pode comprovar a ausência de T nos nomes é a impossibilidade de atribuição de Caso Nominativo aos seus argumentos. Em segundo lugar, a ausência de fenômenos como expletivos em construções nominais (**there's arrival*) pode indicar que a posição de Spec de DP é uma posição argumental ao contrário de Spec de TP que é uma posição não temática e responsável pela checagem de traços não interpretáveis. Portanto, o que determina a escolha entre CP e DP é a presença ou a ausência de um operador de tempo.

Pustejovsky (1995, *apud* Alexiadou, 2001) afirma que uma sentença denota um evento de forma diferente da forma como um DP o denota. Por exemplo, a sentença [*Mary arrived at 3 pm*] e o DP [*Mary's arrival at 3 pm*] referem-se ao mesmo evento, mas não expressam o mesmo conteúdo. O evento expresso pelo DP não denota quando ele ocorreu.

Apesar de retomar os dados de Lecarme (1999), Alexiadou argumenta que, nas línguas em que a marcação de tempo aparece, essa pode significar três propriedades: morte, perda ou destruição – um correlato do que se obtém com prefixos como ‘ex’, ‘recém’, ‘pré’, ‘pós’, em português, conforme referido anteriormente. Outra análise possível é que a marca de tempo em nomes pode ter relação com a referência do nome, ou seja, sua manifestação contribui para a denotação da entidade. Em conclusão, o tempo nos nomes não possui a mesma função das marcas de tempo nos verbos. Portanto, mesmo que T esteja presente nos nomes, ele não terá o mesmo estatuto que o T verbal.

5. O caso das línguas da família Tupí-Guaraní

Como mencionado anteriormente, o foco da nossa discussão é investigar a *Hipótese do DP*, tendo como pressuposto a existência de propriedades estruturais semelhantes entre o CP e o DP. Em particular, investigamos a existência de morfologia de tempo em nomes das línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní. A família Tupí-Guaraní é uma das dez famílias do

tronco Tupi, divisão que foi proposta e desenvolvida por Aryon Dall'Igna Rodrigues, no Congresso Internacional de Americanistas de 1954.

Entre as características das línguas dessa família, consta a presença de morfologia de tempo nos nomes. É o caso do Tapirapé, da família Tupi-Guarani, que apresenta codificação de tempo na estrutura do sintagma nominal, a qual ocorre seja como categoria independente, seja como sufixo, dependendo da configuração envolvida, como exemplificado em (12) e (13), a seguir:³

(12) ka'i Ø xokã – ãw – a kwera
Macaco matar NOM ARG pass
'A matança do macaco' (Evento de matar)

(13) xe – emi – xokã – kwera – a
1p NOM matar pass ARG
'O que foi morto' (Resultado da matança)

Uma análise relevante para essa discussão está formulada em Salles (2003). O referido estudo examina a codificação de tempo, em nominalizações de línguas da família Tupi-Guarani, considerando contextos de subordinação, conforme exemplos (14), (15) e (16) a seguir, do Tupinambá, extraídos de Rodrigues (1953, p. 140):

(14) a-só-potar
1-ir-querer
'Eu quero ir'

(15) a-i-potar nde só-Ø
1s-querer você ir-ARG
'Quero que você vá'

(16) a-i-potar nde só-puer-a
1s-querer você ida-PASS-ARG
'Eu quis que você fosse'

Na análise de Salles (2003), o dado (14) distingue-se de (15) e (16), no que se refere à referência do argumento do predicado subordinado – correferencial com o sujeito em (14), e não-correferencial em (15) e (16). Nos três casos, o predicado matriz é volitivo, e seleciona um predicado marcado para uma interpretação temporal dependente em relação ao tempo da matriz. Salles argumenta que, no contexto da interpretação correferencial, o predicado subordinado ocorre incorporado ao predicado matriz, mediante uma operação de movimento do núcleo verbal para o verbo da matriz, em termos dos pressupostos de Baker (1988). Tal situação é sintaticamente determinada pela configuração de complementação e pela natureza do sujeito encaixado, que corresponde à categoria pronominal nula PRO. Tal situação não se verifica nos dados em que a referência é disjunta entre o sujeito da oração matriz e o argumento relevante no predicado subordinado. Se a referência é disjunta, conforme se verifica nos dados (15) e (16), o mapeamento sintático dos argumentos é realizado na série pronominal ergativa/absolutiva. Nesse caso, o predicado subordinado recebe morfologia de

³ Os dados (12) e (13) do Tapirapé foram gentilmente cedidos por Walkíria Neiva Praça, a quem agradeço pelo compartilhamento e esclarecimentos prestados.

caso argumentativo (ARG) / nuclear (N), ou ainda, em algumas línguas da família TG, o morfema derivacional formador de nominalização (NZR/Nom).

Interessantemente, o contraste entre os dados (15) e (16) demonstra que a codificação de tempo na morfologia nominal determina a interpretação temporal do enunciado. De fato, conforme observado em Salles (2003), tendo em vista a situação de dependência temporal em relação ao predicado matriz, a qual é determinada lexicalmente pelo verbo volitivo, que seleciona um predicado marcado para a modalidade *irrealis*, a presença da morfologia de tempo passado na nominalização determina a interpretação do enunciado como um todo e como sendo anterior ao tempo da enunciação. Na ausência da marcação de tempo passado na nominalização, o evento é interpretado temporalmente como não anterior em relação ao momento da enunciação.

Um fenômeno semelhante pode ser observado no Kamaiurá, língua da mesma família, descrita por Lucy Seki (2000). Segundo Seki, a categoria de tempo não é marcada por morfemas flexionais no verbo em Kamaiurá. As distinções de tempo são assinaladas por palavras e expressões temporais e por partículas que, em sua maioria, exprimem distinções aspectuais e modais. Nessa língua, identifica-se um sistema que marca o futuro (*irrealis*). As partículas finais **in** “potencial” e **korin** “futuro” assinalam a ocorrência do evento posterior à fala, conforme ilustrado em (17) e (18), com dados extraídos de Seki (2000):

(17) a -ha korin
 1sg-ir Fut
 ‘Eu irei’

(18) a -ha=n
 1sg-ir=Pot
 ‘Tenciono ir’

Na ausência de marcações modais, aspectuais ou de palavras/advérbios temporais, a oração simples pode remeter ao tempo presente ou ao passado, conforme ilustrado em (19), com dados extraídos de Seki (2000):

(19) ywyrapar-a o-pin
 arco -N 3-esfregar
 ‘Ele esfrega/ele esfregou o arco’

No entanto, em Kamaiurá, um conjunto de morfemas pode derivar nominalizações a partir de verbos e adverbiais. Essas nominalizações podem receber sufixos, como o de tempo nominal [-*het*], conforme ilustrado em (20) e (21), com dados de Seki (2000):

(20) i-juka -pyr -et
 3-matar-Nom-Pass
 ‘O que foi morto’

(21) i-juka -pyr -er -am
 3-matar-Nom-Pass-Atr
 ‘O que ia ser morto’ (O que estava na qualidade de ser morto)

Os exemplos em (22) e (23), abaixo, extraídos de Seki (2000), mostram que no Kamaiurá, como no Tupinambá, o encaixamento de predicados também se dá por

incorporação do predicado subordinado no predicado da matriz (glosado como um *desiderativo*), quando existe correferência entre argumento relevante do predicado subordinado e o sujeito do predicado da matriz.

(22) jê=r -ãe-potat
 1sg=Rel-gritar-Des
 'Eu quero gritar'

(23) ere-o-potat
 2sg-ir-Des
 'Você quer ir'

Da mesma forma que no Tupinambá, no Kamaiurá, quando a referência é disjunta entre o argumento relevante no predicado subordinado e o sujeito do predicado matriz, o predicado subordinado é realizado por uma nominalização, com os argumentos realizados pelo alinhamento ergativo/ absolutivo, conforme ilustrado em (24), (25) e (26), extraídos de Seki (2000).

(24) a -potar =ete [i-jo-taw -a]
 1sg-querer=Atual [3-ir-Nom-N]
 'Eu quero que ele vá'

(25) a -kwahaw=ete =rat mokaw -a mepy -taw -er-a
 1sg-saber=atual=At carabina-N comprar-Nom-Pas-N
 'Eu sei que ele comprou a carabina'

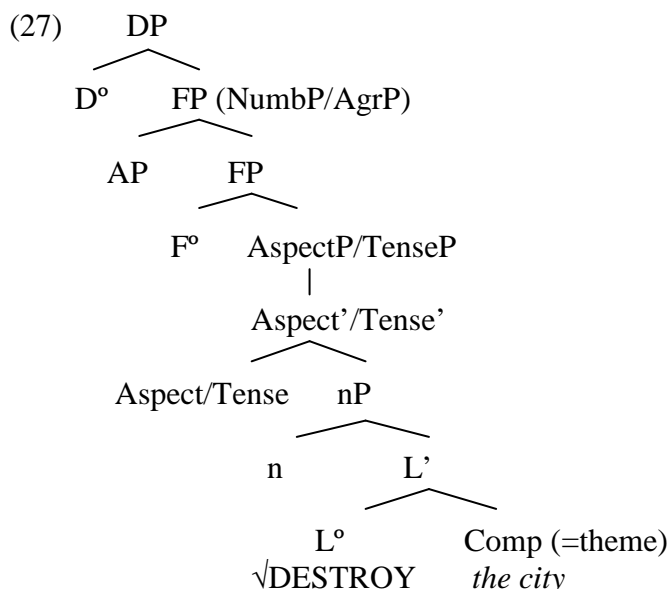
(26) awuje rak a -kwahap [awa kunu'um-a juka -tar -er -a]
 já At 1sg-saber [quem menino -N matar-Nom-Pas-N]
 'Eu já sei quem matou o menino'

Os dados do Kamaiurá vêm corroborar a hipótese de que o tempo está codificado na projeção do predicado encaixado. Note-se que em (24), como em (15) e (16), o predicado matriz é volitivo, havendo, portanto, dependência temporal entre os predicados. No entanto, em (25) e em (26), o predicado matriz é epistêmico, sendo o tempo do predicado subordinado independente em relação ao tempo do predicado da matriz. É o que se constata pela marcação de tempo passado no predicado encaixado, o que se distingue do predicado matriz, que não tem marcação de tempo, mas é traduzido por um tempo presente. O que se conclui é que a marcação de passado no predicado subordinado não implica que o predicado da matriz seja interpretado como passado – diferentemente do que ocorre na oposição em (15) e (16) do Tupinambá, em que o predicado volitivo seleciona a dependência temporal em relação ao predicado subordinado.

6. Considerações finais

Concluimos a discussão, apresentando uma proposta de representação estrutural do DP encaixado nas línguas Tupí-Guaraní, o que supostamente se pode estender a outras línguas, assumindo-se o pressuposto da Gramática Universal (GU). Deixamos em aberto os detalhes a respeito da codificação dos argumentos nas línguas citadas, as quais obedecem ao padrão ergativo-absolutivo, o que está de acordo com o requisito da ausência de EPP, na projeção de

T. Nesse sentido, portanto, consideramos que a presença do traço EPP em T não é requisito para a projeção de T (contra Alexiadou *op. cit.*).



Neste trabalho, discutimos a marcação de tempo nos nomes, em especial, nas línguas da família Tupí-Guaraní. Observou-se que, nas línguas estudadas da família Tupí-Guaraní, a expressão de tempo pode ser verificada na morfologia nominal. A discussão partiu de estudos prévios, que investigaram a presença de tempo na categoria nome em línguas como o Somali. Diferentemente de análises que argumentam em favor de uma marca de tempo relacionada à referencialidade do nome, como proposto por Alexiadou (2001), a marcação de tempo nos nomes nas línguas Tupi-Guarani parece revelar características distintas.

Primeiramente, verificou-se que as línguas dessa família não possuem morfologia de tempo nos verbos, mas podem apresentar essa marca nos nomes. Em segundo lugar, em construções de complementação com referência disjunta entre o argumento relevante do predicado subordinado e o sujeito do predicado matriz, o tempo expresso na morfologia da nominalização pode codificar o tempo de toda sentença. Tais fatos sugerem que, nessas línguas, a codificação de tempo nos nomes pode ser analisada em termos da projeção T na estrutura interna do DP.

É necessário, ainda, investigar a presença de outras categorias funcionais no domínio do DP e propor uma formalização para a estrutura do Sintagma Determinante que revele os seus traços morfossintáticos. Para isso, será necessário adotar um modelo teórico que forneça ferramentas para a análise da sintaxe interna das palavras.

Nessa perspectiva, fica demonstrado que a gramaticalização da categoria tempo no nível do CP ou do DP manifesta-se como fator de variação paramétrica, além de corroborar a *Hipótese do DP*.

Referências

- ABNEY, P. *The English Phrase in its Sentential Aspect*. Tese de Doutorado, MIT, Cambridge, 1987.
- ALEXIADOU, A. *Functional Structure in Nominals – Nominalization and Ergativity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

- BAKER, M. *Incorporation*. Chicago, Chicago University Press, 1988.
- BERNSTEIN, J. “The DP Hypothesis: Identifying Clausal Properties in the Nominal Domain”. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (eds.) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Malden, MA / Oxford: Blackwell, 2001. p. 536-561.
- CABRAL, A. S.; RODRIGUES, A. (orgs.) *Línguas e Culturas Tupi*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2007.
- CHOMSKY, N. “Remarks on Nominalization”. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginn and Co, 1970.
- GIORGI, A.; LONGOBARDI, G. *The Syntax of Noun Phrases: Configuration, Parameters and Empty Categories*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1991.
- LECARME, J. “Nominal tense and tense theory”. In: CORBLIN, F.; DOBROVIE-SORIN, C.; MARANDIN, J. M. (eds.) *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*. V. 2, The Hague. Holland Academic Graphics. Selected Papers from the Colloque de Syntaxe et Sémantique à Paris (CSSP), 1999.
- RODRIGUES, A. “Morfologia do Verbo Tupi”. *Letras* 1, Curitiba, p.121-152.
- SADLER, L.; NORDLINGER, R. “Nominal Tense with Nominal Scope: a Preliminary Sketch”. In: *Proceedings of the LFG01 Conference*. University of Hong Kong, CSLI Publications, 2001.
- SALLES, H. “Nominalizações e Orações: A Hipótese da Equivalência entre Sintagmas Determinantes e Sintagmas Oracionais”. In: SALLES, H. (org.) *Revista da Pós-Graduação em Lingüística*. nº. 07, Brasília: UnB, 2003. p. 95-106.
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá – Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.